

A NATUREZA FÍSICA E O HOMEM – PAIXÕES EM MANOEL DE BARROS

PHYSICAL NATURE AND THE MAN - PASSIONS AT MANOEL DE BARROS

Lucy Ferreira Azevedo
(PUC/SP)¹

RESUMO: Os poemas de Manoel de Barros, analisados a partir da intersecção *ethos, logos e pathos*, focalizam a paixão pela natureza vivenciada pelo homem pantaneiro . A Nova Retórica, para descrever a paixão pela natureza, é o instrumento para a análise do poema como argumento, mostrando o pantanal - seus *habitus*, fauna e flora – como cenário que provoca no homem os movimentos passionais. O estudo das metáforas sob a perspectiva de Lakoff e Johnson descortinam também uma forma singular de construir poesia de nosso autor, associando a invenção a uma memória denominada discursiva. A análise da

¹ Doutora em Língua Portuguesa, PUC-SP- Professora da Universidade de Cuiabá- UNIC
lucy_azevedo@terra.com.br

argumentação mostra a cultura mato-grossense determinada pelo Pantanal que condiciona o homem a uma forma peculiar de viver.

PALAVRAS CHAVE: Retórica. Metáforas. Pantanal

ABSTRACT: The poems of Manoel de Barros, analyzed from the intersection ethos, logos and pathos, focus on passion for nature experienced by pantaneiro. The New Rhetoric, to describe the passion for nature is the instrument for the analysis of the poem as an argument, showing the wetland - their *habitus*, fauna and flora - like setting that causes men the passionate movements. The study of metaphors from the perspective of Lakoff and Johnson also unveil a unique form of poetry to build our author, associating the invention to a discursive memory called. The analysis of argumentation shows the Mato Grosso Pantanal culture determined by conditioning the man a peculiar way of living.

KEYWORDS: Rhetoric. Metaphors. Pantanal

INTRODUÇÃO

Manoel de Barros utiliza expressões linguísticas metafóricas para orientar conceitos que estão embutidos na cultura da qual o homem pantaneiro faz parte, com o objetivo de realçar e/ou encobrir determinado conceito e as metáforas criadas neste contexto só nele podem ter base. Assim, além da paisagem, o pantanal também é fator de origem da cultura mato-grossense e provocador dos movimentos passionais.

No dia a dia da vida pantaneira, a realidade é lida e revestida de linguagens que recriam outros sentimentos, outros contextos. Discursos com *ethos*, *pathos* e *logos* imbricados e com a leitura proporcionando derivas, permitem o desvendamento do sentir pantaneiro.

O grande coração de Mato Grosso sempre foi o Pantanal: seu ritmo, suas águas, sol, fauna e flora e, hoje, novas representações constroem valores, diferentes identidades sociais de migrantes que são representados por seus atos discursivos, pelas produções retóricas dos discursos sociais. É desse modo que o movimento das paixões ressalta no contexto da retórica que, na poesia barrense, cria uma simbiose entre homem e natureza. A Nova Retórica e assim como o estudo das metáforas sob a perspectiva de Lakoff e Johnson descortinam uma forma singular de construir poesia de nosso autor, associando a invenção a uma memória discursiva que possibilitarão o entendimento da identidade do povo do pantanal.

O conteúdo a seguir constitui-se, portanto, um recorte de reflexão mais ampla sobre paixões na obra de Manoel de Barros, em como o poema é argumento para fazer poesia com a natureza que está intimamente ligada ao homem em alguns poemas escolhidos.

As metáforas cognitivas de Lakoff e Johnson

As metáforas como argumento são entendidas como cognitivas, como na abordagem de Lakoff & Mark Johnson (1980) que as descrevem como parte de nosso pensamento, da linguagem e da nossa ação cotidiana. Dizem que passamos a vida por meio delas e não significam apenas um recurso poético e/ou retórico. Os autores sustentam que a maior parte de nosso sistema conceitual é formado por metáforas em que o domínio das experiências espacial, social e emocional tem igual peso, são vivências igualmente básicas. As metáforas são, ao mesmo tempo, emocionais, temporais e espaciais.

Culturas partilham valores básicos e podem valorizar diferentemente aspectos de cada um deles; a isso os autores chamam de subculturas de uma cultura dominante, como o conceito de

maior e melhor, dependendo ser essa a avaliação de um cidadão urbano materialista ou de um trapista numa ordem monástica.

Parte do universo de conceituar o mundo e a si mesmo através dessa estruturação linguística particular é a metonímia, diferenciada por Lakoff & Johnson (1980), como a utilização de uma entidade para se referir a outra que é relacionada a ela, cuja base são experiências com objetos físicos.

Em toda a discussão sobre fundamentação de conceitos, os autores assinalam que alguns podem parecer de compreensão direta e outros metafórica, porém até mesmo o conceito de causalidade, que é um conceito humano básico, pode ter um núcleo de emergência direta que é elaborado metaforicamente.

Assim, as metáforas são essenciais para a percepção de como o ser humano pensa, diz e faz o seu cotidiano. Além de mostrar a necessidade que o homem tem da “*poiesis*”, que é uma função lúdica, porque, apesar do cotidiano, ele precisa ser feliz, precisa contornar, além de omitir ou realçar: “Se a seriedade só pudesse ser concebida nos termos da vida real, a poesia jamais poderia elevar-se ao nível da seriedade” (HUIZINGA, 1992, p. 134).

Durand (1989) esclarece que o “*habitus*” é o realizador ou negociador da relação indivíduo/mundo. Daí algumas metáforas serem possíveis em determinadas culturas e não em outras. Podem desaparecer ou esvaziar-se, conforme o hábito na sociedade não precisar mais ser denominado ou descrito.

As metáforas, no viver societal, dependem da memória, mas não estão com os indivíduos apenas porque estes têm um cérebro que guarda informações.

Montenegro (1992) diz que a memória lida com o vivido. Desta forma, falar por metáforas é viver, por estarem incorporadas às vidas, sem que sejam percebidas.

A metáfora presta-se também para realçar ou encobrir aspectos de um conceito, é uma possibilidade pensar-se que a interpretação

por meio das metáforas também é um elo entre o homem histórico e o simbólico. Através dela, o homem faz as ligações de seus textos com a exterioridade. Assim, treina e aguça a imaginação, tão importante no cotidiano: “À imaginação criadora pertence essa função do irreal, que é psiquicamente tão útil quanto a função real, tão freqüentemente citada pelos psicólogos para caracterizar a adaptação de um espírito a uma realidade marcada pelos valores sociais” (PACHECO, 1996, p. 69).

Metáforas cognitivas e a cultura

Assim, sendo o homem um ser retórico, especificamente o homem pantaneiro vivencia uma cultura que é moldada pela natureza física que a tudo conduz: “[...] por meio de ser árvore podia adivinhar se a terra era fêmea e dava sapos” (BARROS, 1999b, p. 15). A natureza, então, não é apenas um ornamento linguístico, mas tem valor cognitivo fundamental. E, na obra barrense, elas estão muito além do que conhecemos como tempo, lugar e sentimento. Em “Deixei uma ave me amanhecer”, temos.

Deixei uma ave me amanhecer

II

Toda vez que a manhã está sendo começada nos meus olhos, é assim...

Essa luz empoçada em avencas. As avencas são cegas.

Nenhuma flor protege o silêncio quanto elas. Ó a luz da manhã empoçada em avencas!

III.

Louçania das garças na manhã!

[...]

(BARROS, p. 15-16)

No poema, os pássaros acordam o homem no Pantanal, provocam o seu despertar. O espaço onde começa a vida é nos olhos e ouvidos. São a porta de entrada para as figuras que

motivarão o pensamento. Por isso a utilização do verbo em princípio de ação: “[...] a manhã está sendo começada”.

A metáfora é canal pelo qual o ser humano estrutura o que percebe, vive em seu entorno e se relaciona com outras pessoas. “Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. / Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, com vielas rampadas e crianças papudas, assistiram seu nascimento” (BARROS, 2003, p. 41). A metáfora de resíduos (coisas) que assistiram seu nascimento – ambiguidade colocada por Manoel de Barros, por meio da regência verbal – em que se perde a noção de se as coisas auxiliaram o nascimento de Bernardo ou ficaram olhando, em silêncio de avencas, o momento de seu surgimento. A natureza assiste o e/ou assiste ao nascimento.

Nas metáforas cognitivas que tratam da relação interpessoal, são apresentados momentos que dependem do construto sociocultural. Eles podem ser vivenciados por meio de um painel bem amplo do sistema conceitual que aquela pessoa ou grupo experienciam.

Na cultura ocidental, conversar é diferente de discutir, porque a primeira ação implica cooperação, para a qual o participante cumpre o propósito de interação social educada, transita por várias dimensões de estrutura: participantes, partes, estágios, sequência linear, causalidade e propósito. Ao experienciar uma conversa, o homem está inconscientemente classificando sua experiência em termos das dimensões naturais da *gestalt* desse ato; enquanto a segunda, na ação cotidiana, é mensurar forças para ganhar ou perder. Por isso, o conceito de discussão leva à metáfora conceitual. Discussão é guerra. A partir desse conceito, todas as construções metafóricas sobre discussões apreendem expressões de uma situação de luta, guerra. O fundamento dessa postura está no fato de que o homem é racional, porém, por analogia com tempos idos, ainda constrói, através da linguagem, não mais corporalmente, embates contra o “adversário”, mesmo ideológicos.

A argumentação, a estratégia de guerra para convencer toma a tradição cultural como fator irrefutável e real. Percebo o jogo que o poeta faz entre o valor positivo *versus* valor negativo:

[...] Chegam de carro de bois Pocito e Nhá Velina Cuê. Pocito descanga os bois.

– Arruma, Graveto! Separa, Vegetal! Pocito relenga.

- Boi que amansa, amanhece na canga, meu amo. Animal que dá pêlo, bentevi caga nele. Bão é pão chão e vão. Ruim é gordura de caramujo e onça ferventada.

Oive de mi, xará. Quem não ouve conselho, conselho ouve ele. [...] (BARROS, 2003, p. 16)

[...] Nanhá está aborrecida com o neto que foi estudar no Rio e voltou de ateu

– Se é pra desaprender, não precisa mais estudar

(BARROS, 2003, p. 16)

Na natureza sistemática de conceitos definidos metaforicamente, em alguns tipos de metáfora, há fórmulas do discurso, ou expressões idiomáticas, ou itens lexicais fraseológicos que funcionam como se fossem palavras únicas. Dessa forma, fazendo parte essencial e parcial dentro da metáfora, como por exemplo, na metáfora “a vida é um jogo de azar”.

No Pantanal, a vida também é perder ou ganhar: “a vida tem suas descompensações” (Poemas concebidos sem pecado, p. 44), porém, na obra barrense, o ganho também acontece pelo avesso, porque “só me preocupo com as coisas inúteis” (BARROS, 2002, p. 9), porque lá é onde o eu poético aflora.

O Palhaço

Gostava só de lixeiros crianças e árvores Arrastava na rua por uma corda uma estrela suja. Vinha pingando oceano!

Todo estragado de azul.
(BARROS, 2001a, p. 43)

Manoel de Barros utiliza expressões linguísticas metafóricas para orientar conceitos que estão embutidos na cultura. São inadaptáveis a outros contextos, porque nascem do social pantaneiro que guia o individual.

Passeio nº 6

Casebres em ruínas muros escalavrados...
E a lesma – na sua liberdade de ir nua úmida!
(BARROS, 2001a, p. 45)

Assim, as metáforas apresentam perfeita coerência, estão enraizadas na cultura da qual são expressão, conforme as metáforas ontológicas de Manoel de Barros: “Portas criavam cabelo”- personificação, extensão das metáforas ontológicas. (BARROS, 2001a, p.49).

Metáforas cognitivas e a natureza

Continuando com as metáforas cognitivas, as ideias, para Lakoff & Johnson (1980), são organismos, ideias são produto, bens de consumo, recursos, dinheiro, instrumentos cortantes, moda. Diferentemente, em Manoel de Barros, ideias são um produto de um olhar cuja ótica é a natureza vegetal e animal: “por meio de ser árvore podia adivinhar se a terra era fêmea e dava sapos/via o mundo como a pequena rã vê a manhã de dentro de uma pedra” (BARROS, 1999b, p. 16).

O importante é grande, mas, no Pantanal, importante é o antônimo, a percepção singular – o chão, a solidão, o ínfimo – pois são matéria de poesia:

Anti-salmo por um desherói

a boca na pedra o levava a cacto
a praça o relvava de passarinho cantando ele tinha o dom da árvore
ele assumia o peixe em sua solidão

seu amor o levava a pedra estava estropiado de árvore e sol estropiado
até a pedra

até o canto estropiado no seu melhor azul procurava-se na palavra
rebotalho por cima do lábio era só lenda comia o ínfimo com farinha
o chão viçava no olho

cada pássaro governava sua árvore Deus ordenara nele a borra o
rosto e os livros com erva andorinhas enferrujadas.

(BARROS, 1999b, p. 19-20)

Um bugre não louva a si mesmo, porque, oprimido pelo dito das classes dominantes, ele é inferior; no entanto, na poesia, ele é cantado por ser livre e ser composto – “estropiado” – de árvore, sol, pedra, cultura pantaneira. O chão viça seu olho.

Nas metáforas ontológicas, olhos são recipientes para emoções:

Toda vez que a manhã está sendo começada nos meus olhos, é assim...

Essa luz empoçada em avencas. As avencas são cegas.

Nenhuma flor protege o silêncio quanto elas. Ó a luz da manhã empoçada em avencas!

Efeito emocional não é contato físico, é influência da natureza: “O homem de lata / se relva nos cantos / e morre de não ter um pássaro / em seus joelhos” (BARROS, 1999b, p. 23). “O homem de lata / sofre de cactos / no quarto” (BARROS, 1999b, p. 26). E os estados físicos ou emocionais são também entidades dentro de uma pessoa: “Ali eu me atrapalhava de mato como se ele / invadissem as ruínas de minha boca e a enchesse / de frases como morcegos” (BARROS, 2001a, p. 67).

Vitalidade é uma substância que vem da natureza: “O homem de lata / foi marcado a ferro e fogo / pela água” (BARROS, 1999b, p. 28). Nessa relação de metáforas, quando não há a coerência, segundo Lakoff & Johnson (1980), a discrepância é apenas aparente.

Ainda os mesmos autores registram, também, que as catacrese são metáforas não-sistemáticas e isoladas. Podem se expandir em subculturas, fazendo a base de metáforas principais. Nas metáforas- catacrese, está a maior força da obra de Manoel de Barros - entendendo-se catacrese como a utilização da palavra porque não existe uma outra para aquela situação, para o contexto do pantanal. “Coisa que não faz nome para explicar. Como a luz que vegeta na roupa do pássaro” (BARROS, 2002, p. 33).

Lakoff & Johnson (1980) mostram a diferença entre metáfora consistente – aquela que forma uma imagem única – e metáfora coerente, aquela que se “encaixa” a outra consistente ou entre si. Concluem que as ligações entre as metáforas envolvem mais coerência que consistência. Em Manoel de Barros, no entanto, predominam as metáforas consistentes. No exemplo abaixo, o amor tem como representação a natureza – córrego – menino. Sentido pelo poeta, esse sentimento está bem distanciado da percepção urbana (o amor é uma viagem), porque o aprendizado do poeta, desde a sua infância, se dá pelo sensível, pela e na natureza. (BARROS, 1998, p. 15-16)

O menino e o córrego

Ao Pedro

I

A água

é madura.

Com penas de garça. Na areia tem raiz

de peixes e de árvores.

Meu córrego é de sofrer pedras Mas quem beijar seu

corpo é brisas... II

O córrego tinha um cheiro de estrelas nos sarãs anoitecidos

O córrego tinha suas frondes distribuídas aos pássaros

O corgo ficava à beira...

...de um

menino... [...]

V

Com a boca escorrendo chão

o menino despetalava o córrego de manhã todo no seu corpo.

A água do lábio relvou entre pedras...

Árvores com o rosto arreiado de seus frutos

ainda cheiravam a verão Durante borboletas com abril

esse córrego escorreu só pássaros... (BARROS, 1999a, p. 23-25)

Esse córrego-menino espelha-se para se conhecer e seu movimento sabe os caminhos. Ao menino cabe beber dessas águas para criar poesia.

O estudo do poema barrense como argumento, na intersecção *ethos*, *logos* e *pathos*, como junção de águas, demonstra o quanto a cultura pantaneira está ligada à natureza, paixão construída por Manoel de Barros com a melhor poesia e, ainda seguindo as águas em seu contínuo, a reflexão continua descobrindo novos sentidos, provocando discussões sem término, sem ponto de chegada.

Referências

BARROS, Manoel de. **Concerto a céu aberto para solos de ave**. 3. ed. São Paulo: Record, 1998.

_____. **Compêndio para uso dos pássaros**. 3. ed. São Paulo: Record, 1999a.

_____. **Gramática expositiva do chão**. 3. ed. São Paulo: Record, 1999b.

_____. **Poemas concebidos sem pecado**. São Paulo: Record, 1999.

_____. **Matéria de Poesia**. 5. ed. São Paulo: Record, 2001a.

_____. **Livro de pré-coisas**. 4. ed. São Paulo: Record, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

HUIZINGA. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LAKOFF, —; JOHNSON, Mark. **Metaphor we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória – a cultura popular revisada**. São Paulo: Contexto, 1992.

PACHECO, Elza Dias (org.). **Comunicação, educação e arte na cultura infante-juvenil**. São Paulo: Loyola, [19—].